

SURYOYE

ܣܘܪܝܘܝܗ

SÃO PAULO - DEZEMBRO/2019

ORAÇÃO INICIAL

NESTA EDIÇÃO

ORAÇÃO

INICIAL 1

CULTURA

ORIENTAL I - A DESTRUÇÃO DA MEMÓRIA

ENSINAMEN- TOS

DE NOSSOS MESTRES

CULTURA O- RIENTAL II - O PASTEL

TEXTOS EM ARAMAICO

Glória a Deus que quis e surgiu

(xuvêho le lëvar aloho da^dSëvo uadënah)

2 Glória a Deus que quis e despontou

Do ventre da abençoada

Virgem Santa!

Só de ouvir O aceitou,

No ventre O carregou.

4 Saiu do ventre e o selou

E aos incrédulos

Deixou-os perplexos.

Glória a Ele pelo que se humilhou

5 Glória a Ele que se tornou humano

Glória a Ele que salvou Sua igreja

E que agora Lhe canta Glória!

8 [Oração (vespertina) cantada ao anoitecer de todas quartas-feiras in *Livro das Orações da Semana Ordinária da Santa Igreja Siríaca Ortodoxa*. Impresso no Mosteiro de S. Marcos - Jerusalém.1936]



Nascimento de Jesus. Iluminura do evangelho da Igreja de Hah em Tur Abdin (atual Turquia) datado de 1227.

ܦܘܠܘܣܐ ܘܡܪܝܐ ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ
ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ
ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ
ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ ܘܡܝܚܐ

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria, Arcebispo Mor Severios oficia as missas em aramaico e português, aos domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP.

Estamos à disposição para atender os fiéis, telefone (11) 5581-6250.

INFORMATIVO SURYOYE

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Artigos - Peter Sowmy
Revisão- Aniss Sowmy

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

FACEBOOK: IGREJA SIRIAN ORTODOXA SANTA MARIA

CULTURA ORIENTAL I - A DESTRUIÇÃO DA MEMÓRIA (1ª PARTE)

Uma das táticas de que se utilizam os governos de países que oprimem as minorias é a de mudar os nomes das famílias e das regiões; de seus nomes originais, centenários ou milenares para novos nomes. Tal prática é usual quando se quer apagar da memória do povo (seja o do invasor quanto do autóctone) os traços históricos dos povos que formaram aquela civilização. Isso é muito comum quando os governos pertencem a invasores; assim, vemos exemplos típicos no continente americano, por exemplo, no Brasil. Iniciando no século XVI e chegando até o século XIX, muitas regiões sofreram desse mal, às vezes, até mesmo definitivamente. Assim, por exemplo: o nome da região do planalto paulista conhecido como Piratininga, entre os ameríndios. Piratininga, na língua tupi significava “peixe a secar”, isso porque eles pescavam peixes no rio que passava no vale embaixo e subiam alguns metros acima para secar os peixes que haviam pescado. Os portugueses, que na época eram os invasores, fundaram uma escola chamada por um nome português: São Paulo e, depois, em torno dessa escola, surgiu aos poucos uma vila chamada São Paulo de Piratininga; mais tarde, somente São Paulo; ou seja: tiraram o nome indígena “Piratininga”. Ainda com relação à fala, os portugueses que fundaram a escola e a vila de São Paulo (de Piratininga), no início, tentaram impor seu idioma, porém, através das lições dos padres jesuítas, acabaram por adotar o idioma da maioria local que era formada por indígenas, o idioma tupi. O próprio padre José de Anchieta ensinava cristianismo aos indígenas através de obras teatrais que ele compunha e lhes ensinava em tupi. Há registros diversos de autoridades eclesiásticas ou civis que vinham de Portugal e que a eles os paulistas os faziam acompanhar de tradutores pois as autoridades não conseguiriam entender a fala do povo. O exemplo típico é do encontro que o bispo de Pernambuco teve com o bandeirante Domingos Jorge Velho em Palmares e o bispo precisou de um intérprete pois, segundo o bispo, “o paulista, nem falar sabe”.

A partir da assinatura do 2º Tratado de Tordesilhas, intensificava-se a presença portuguesa no Continente e substituíam-se os nomes indígenas por portugueses e intensificava-se a fala do idioma português. Talvez isso ocorresse para ficar claro que quem mandava era o fator português que sob o ponto de vista do povo autóctone, os ameríndios, essa força mandante era invasora. Isso é apenas um relato breve do que aconteceu em São Paulo, entre o século XVI e XVIII, avançando talvez pelo início do século XIX.

No século XX, as forças invasoras européias já haviam mudado sua postura. Não mais invadiam países para lá permanecerem dominando, forçando uma filosofia de vida alheia à maioria do povo. As guerras tinham claro fundamento econômico e o país derrotado era obrigado a pagar “indenizações”; as forças dominantes estabeleciam um “governo de mandato” com prazo de permanência pré-estabelecido e com o intuito de formar um novo governo “alinhado” com os ideais do governo vencedor. Assim foi o “governo de mandato” inglês no Iraque ou o francês na Síria.

Em nenhum momento, a Inglaterra ou a França trocou o nome d’alguma região no Iraque ou na Síria. Bagdá, Mossul, Takrit, Rio Tigre ou Damasco, Homs, Alepo, Rio Eufrates; todos continuaram com seus nomes milenares. Se a pergunta é por que? A resposta é simples, porque o governo inglês e o francês não eram de opressão, entraram naqueles países porque lhes interessava somente o domínio econômico e acreditavam que o povo autóctone saberia achar seu caminho.

Ocorre que quando o exército dominante é invasor com filosofia estagnada no nomadismo, o povo autóctone enfrenta problemas que o mundo ocidental não via há séculos e por causa de seus ideais com base na filosofia cristã (portanto sedentária) o povo autóctone não poderia combater e tinha esperança que por si só o problema seria eliminado. E não foi isso que aconteceu no Oriente.

Quando eclodiu a Guerra em 1914 e a Turquia se aliou à Alemanha, logo o governo otomano (da Turquia) colocou como causa da guerra os povos cristãos (afinal, ingleses, franceses e russos eram cristãos) e

CULTURA ORIENTAL I - A DESTRUIÇÃO DA MEMÓRIA (1ª PARTE)

isso já era suficiente para haver perseguições e matanças de cristãos dentro do Império Otomano (Turquia). Em 16 de outubro de 1916, o ministro de guerra do Império Otomano, Ismaíl Anuar, conhecido como Enver Pasha sancionou um decreto declarando que todos os nomes de regiões originais de populações não-islâmicas deveriam ser mudadas.

Segundo alegação do governo, a mudança era necessária pois deveria refletir a realidade da "turquificação" que os "jovens oficiais militares" que assumiram o governo "de fato" declaravam que queriam estabelecer. Essa "turquificação", ou seja, transformação de toda a nação de forma monolítica, tinha por base 3 itens fundamentais:

- uma única cultura - a turca (trazida pelos invasores do Turqumenistão);
- uma única língua - a turca (trazida pelos invasores do Turqumenistão);
- uma única religião: a islâmica (adotada pelos invasores do Turqumenistão).

Durante a 1ª Grande Guerra, o governo somente tentou impor explicitamente parte da mudança cultural, começando pela alteração dos nomes de regiões geográficas e políticas, para não despertar a atenção dos povos. Contudo, já estava em marcha o terceiro item, através de Genocídios programados pelo governo, genocídios esses contra povos de culturas e etnias diferentes que se refletiam principalmente pela religião.

[CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO]

Significado de Nome

Dina, é um nome de origem semita e tem significado especial em siríaco (aramaico).

Em verdade, **Dina** é a forma de falar fenícia(*) de **Daianta** que é o feminino de "**daiano**"; a única vogal que se escrevia antigamente era a vogal longa "i" representada por "y"; assim teríamos: **Dyna / Dayanta** e, no masculino: **daiano / dayano**.

Para nós, aqui no Brasil e possivelmente para a Europa, os nomes são Dino e Dina e entraram através do idioma italiano.

Ambos tem como raiz o verbo "**dyn**" que significa: "julgar"; assim, **Dina** significa "a julgadora" ou "a juíza".

No Velho Testamento (1ª parte da Bíblia), **Dina** é a filha de Jacó e tem um certo papel de relevância na conversão e posterior destruição de um povo bíblico para a religião de Jacó que acreditava em Yah ou Deus.

Leitura recomendada: **Gênese** – capítulo 34º

(*) É importante observar que a língua fenícia é conhecida também como hebraico.

Palavras da Bíblia

Vale mais ter um bom nome do que muitas riquezas; e melhor a compaixão do que ouro e prata.

Rico e pobre se encontram e aos dois foi o Senhor Deus quem fez.

O prudente vê o mal que se esconde e rapidamente se educa;

os nescios porém, passam por ele e se perdem. .

Livro dos Provérbios - capítulo 22º

Ensinaamentos de Nossos Mestres

Um homem viu um jardineiro irrigando vegetais e lhe disse: "Por que o vegetal silvestre é majestoso e bonito sem ser trabalhado e este da chácara, rapidamente murcha?".

Disse-lhe o jardineiro: "O vegetal silvestre, a terra é sua mãe e este da chácara, a madrasta."

Ensina-nos isso que a educação dos jovens que são educados por suas mães é melhor que aqueles que são educados pela madrasta.

[Conto extraído de : "Chrestomathia" in "Linguae Syriacae" auctore Hectore Gismondi S.J. Typographia PP. Soc. Jesu. Berythi Phoeniciorum. 1900.]

Seja diferente: Ajude a Igreja Santa Maria a realizar as obras caritativas

Faça um donativo. Qualquer valor será bem-vindo, Pode ser em depósito.

Conta Bancária conforme segue:

Nome: Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria

Banco: Santander

Agência: 2174

Conta Corrente: 130002129

CULTURA ORIENTAL II - O PASTEL

Quem não conhece o “pastel”?

Uma massa frita, recheada, que originalmente se apresentava de duas formas: só queijo cru ou com carne moída refogada em óleo (ou gordura animal) com ovo moído, salsinha cortada bem fina e às vezes com azeitona cortada em pedaços só pelo gosto; depois, tudo é fechado na massa e essa massa é frita por poucos minutos em óleo quente. Esse é o pastel básico (conhecido, no primeiro caso como: pastel de queijo e no segundo, como pastel de carne).

Claro que não vamos detalhar as receitas pois não é o objetivo aqui. Vamos tentar estabelecer alguns limites para sabermos seu périplo, em especial pelos continentes antigos. Já vamos adiantado que não se trata de invenção culinária da Mesopotâmia ou cercanias porém, há uma peculiaridade sobre essa massa frita que de certa forma, diz respeito às “nossas terras” de origem.

No Brasil ele foi introduzido pelo portugueses que, como toda a Europa meridional o conheceu pela mão dos navegadores italianos e, por isso, traz no cerne do nome a palavra “pasta” (pastel < pasta). Assim foi também na França (conhecido como pastel ou pâtisseries), Espanha (pastel), Itália (obviamente, conhecido como pastello). Da França foi à Inglaterra (pastry / pastries).

Consta que os egípcios tinham algo parecido, em tempos antigos e os chineses também. Afinal, a massa frita em gordura animal era conhecida desde 8.000 anos a.C. , segundo os arqueólogos.

O problema é que o óleo vegetal era muito caro na China e era importado do Japão, por volta do século XV.

No nosso Oriente, onde a Cultura Mesopotâmica possuía uma profunda influência, esse tipo de culinária não deixou registros , ao menos, até hoje, não foi encontrada. Sabemos que usavam a fritura em azeite e em gordura animal porém, não há registros de pastéis. Talvez porque o ser humano lá, achou mais fácil de digerir o que fosse assado no “tanuro”, no forno, tal como a “esfiha”.

Nos países do Oriente: Líbano, Síria, Mesopotâmia, isto é, no lado oriental do mar Mediterrâneo até a Pérsia, o pastel tem um nome turco: /xamburak/ (leia como se estivesse escrito em português: chameburác). Em verdade, na língua turca se escreve atualmente: “şamburek” e a letra / ş / é pronunciada como se estivesse escrito em português “tch” assim seria pronunciada “tchameburek”.

Foram os turcos que introduziram (ou talvez, re-introduziram) o “şamburek” (pastel) na alimentação do Oriente. Talvez, por volta de 1500, coincidindo com o início do Sultanato Otomano. Como os turcos eram invasores lá, vindos do Turquemenistão, da Ásia Central-Leste, na época, tribos consideradas mongóis pelos habitantes do Oriente, trouxeram essa forma primitiva de fazer pastel frito; afinal, para uma esfiha é preciso ter um forno de barro que não é transportável e para fazer fritura, basta um tacho que era colocado diretamente sobre a fogueira.

A peculiaridade está no nome. O pastel é na verdade uma empada frita e empada na língua turca é “burek” então, por que “şamburek” ?

CULTURA ORIENTAL II - O PASTEL

É aqui que entra o detalhe.

Aparentemente, a forma mais refinada que a culinária do palácio do Sultão requeria, vinha não da Ásia Central mas do próprio Oriente, da Síria ou melhor, da Província Romana conhecida como Síria e isso incluía o Líbano, a Síria propriamente dita, exceto a porção desértica e toda a Mesopotâmia (atual Iraque e sudeste da Turquia). E isso era parte do refinado Reinado dos Abácidas que sucumbira ao domínio dos “bárbaros”, no caso os otomanos.

A capital da Província Síria, já não mais era Antioquia como no tempo dos romanos mas voltara para Damasco, e Damasco, em árabe é “belad ale cham” e em turco é “cham” que se escreve “şam”.

A culinária do pastel deveria ter passado por temperos bem moderados (pouco sal, pimenta raríssima) e passou a ser refinada e não mais carregada como gostam os pastores nômades mongóis quando passou por Damasco, daí ser uma “empada de Damasco” ou “şamburek”.

A Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria já está distribuindo seu calendário religiosos anual. Quem não o recebeu poderá entrar em contato com a secretaria e o pedir via e-mail. Envia tua solicitação pelo “site” da Igreja. Entra no endereço:

<http://sirian.igreasiriansantamaria.org.br/contato/>

Palavras da Bíblia

Toda boa dádiva e perfeita vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação.

Ele quis e Ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das suas criaturas.

Portanto, meus amados irmãos, cada um de vós seja rápido para ouvir e tardio para falar e tardio para se irar.

Epístola de São Tiago - capítulo 1º

FESTIVIDADES DO 2º BIMESTRE DE 2020

Destacamos a seguir algumas festividades religiosas que marcam o cristianismo sendo que algumas, a nossa Igreja Siríaca de Antioquia lhas dá ênfase maior que as co-irmãs Igrejas do Ocidente. Em nosso Calendário, temos diversas comemorações, em especial os seguintes eventos que se destacam:

Março		Abril	
Dia	Comemoração	Dia	Comemoração
01	Bodas de Cana (1º domingo da Quaresma)	03	Santo Ananias de Mardin
02	Início da Quaresma - Dia do Perdão	05	Cura do cego Bar Timai
07	Sto. Efrem o Siríaco e S. Teodóro	11	Ressurreição de Lázaro
08	Cura do Leproso	12	Domingo de Ramos (Missa da manhã). - Noite da Vigília das 10 Virgens (à noite)
09	Quarenta Mártires de Sebastia	15	Confissões e Perdão
15	Cura do paralítico	16	Instituição da Santa Ceia (Missa da manhã) Lavapés (à noite)
18	Exaltação da Cruz. - Abgar Ukomo rei de E- dessa, o 1º Rei Cristão.	17	Paixão de N.S. Jesus Cristo (à noite)
22	Cura da filha da mulher cananita	18	Sábado das Luzes - Vigília da Páscoa
25	Anunciação de Nossa Senhora a Virgem Ma- ria.	19	Páscoa (Ressurreição de N.S.J.C.)
27	Santo Ananias e São Babilas.	23	S. Jorge
29	O Bom Samaritano	25	S. Marcos, Evangelista (68 d.C.)

Surpreenda seus familiares e amigos!
Presenteie-os com o
Calendário 2020 da Igreja Siríaca Ortodoxa.
Informe os endereços.
Atualiza também o teu endereço!

Contato via e-mail: contato@igrejasiriansantamaria.org.br

ORAÇÃO INICIAL

xuvêho le lëvar aloho da^dSëvo uadënah
 men úvo damëbarakhêto
 bêt^hulëto qadixëto
 men ed^hno qabelëte
 bëk^harso ^dTénte.
 uabëhet lëk^hofure.
 xuvêho le dakëmo et^hmakak^h
 xuvêho le dahuo bar noxo.
 xuvêho le dafraq lëíte
 uho zomëro xuvêho.

مەحسەلە حە حەئە ئاھە و زەئە
 مە حەئە و مەئەئە
 حەئەئە مەئەئە.
 مە ئاھە مەئەئە
 حەئەئە لەئەئە
 مەئەئە حەئەئە.
 مەحسەلە حەئە و مەئەئە.
 مەحسەلە حەئە و مەئەئە.
 مەحسەلە حەئە و مەئەئە.
 مەئەئە مەئەئە.

زەئەئە و مەئەئە
 مەئەئە و مەئەئە

تەئەئە مەئەئە مەئەئە

مەئەئە و مەئەئە مەئەئە مەئەئە و مەئەئە
 مەئەئە و مەئەئە مەئەئە مەئەئە و مەئەئە
 و مەئەئە و مەئەئە مەئەئە مەئەئە و مەئەئە

مەئەئە و مەئەئە - مەئەئە و مەئەئە

